

# DOSSIÊ CENAS MUSICAIS: MOVIMENTOS, COLETIVOS, COMUNIDADES APRESENTAÇÃO

[MUSICAL SCENES: MOVEMENTS, COLLECTIVES, COMMUNITIES: PRESENTATION]

**LUIZ HENRIQUE ASSIS GARCIA<sup>i</sup>**

<https://orcid.org/0000-0003-0539-4566>

Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG, Brasil

**RAFAEL SENRA COELHO<sup>ii</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-9052-5972>

Universidade Federal do Amapá – Macapá, AP, Brasil

Em diversos campos da criação e das práticas humanas, cada vez mais fica clara a importância de pensá-las num âmbito coletivo. E não apenas em termos de aglomeração pura e simples. Qual o papel de cada ser dentro do ambiente em que atua? Este dossiê nasceu da pretensão de debater o fenômeno da coletividade na arte. É uma satisfação e um sinal de compromisso com investigações de sociologia e história da Cultura e afins que a Revista Terceira Margem tenha acolhido nossa proposta.

Com nossos olhos e ouvidos voltados para expressões associadas à música popular de maneira diacrônica e territorialmente diversa, será bem frequente a constatação de um fato: a existência de coletivos (organizados ou não) dedicados à atividade de composição, colecionamento ou execução de obras musicais. Em vez do *genius*, propomos um olhar para o que o produtor e pensador cultural Brian Eno chama de *scenius* – as cenas coletivas cujo ecossistema poliniza a criatividade, fomenta a troca de ideias e permite que obras mais complexas e originais possam existir.

Na contemporaneidade, a consolidação de uma cultura massiva fez prosperar ainda mais contextos favoráveis para a formação destas comunidades musicais. Algumas mais baseadas no folclore (como a Revolução Cantada da Estônia ou a Nueva canción chilena), e outras mais sintonizadas com a indústria cultural – e aqui os exemplos podem ser inúmeros, sendo que algumas dessas cenas ou movimentos deram início a vários gêneros modernos, como as ramificações do jazz, do rock, etc. No Brasil, a lista de coletivos (que

fundaram gêneros ou não) é igualmente notável, incluindo a Bossa Nova, a Tropicália, o Clube da Esquina, o Manguebeat, dentre outros.

Os textos que compõem este dossiê lançam diferentes perspectivas, partindo de campos de estudo diferentes e combinados, trazendo encontros entre a sociologia da cultura e a memória social, os estudos de comunicação e os de sociabilidade urbana, as artes digitais e a etnomusicologia, a tecnologia e a descolonização, os gêneros musicais e os estudos de gênero, as perspectivas da Literatura e da História, entre outros. Seus objetos de análise abarcam várias décadas compreendidas entre os três séculos da fonografia, e transitam por territórios e lugares díspares: de um condado britânico à agitadas metrópoles como São Paulo, Recife, Seoul ou Buenos Aires; passando por praças públicas e estabelecimentos que fervem na noite das cidades em vários continentes; e chegando até o transnacional espaço digital da internet. É significativo que boa parte dos artigos seja assinada por autores em grupo, embora nunca seja demais lembrar que toda escrita acadêmica é sempre um diálogo com outros sujeitos que também falam através do texto.

Em “Guitarras traduzidas. Mídia ou instrumento contracolonial?” Fabrício Lopes da Silveira, Nilton Carvalho, Alfredo Bello, falam não de uma, mas várias cenas, trespassadas pela guitarra elétrica, que tomam como um “laboratório expressivo da interculturalidade”. De um eclético colecionismo de registros fonográficos, os autores fazem emergir uma investigação coletiva que apresenta a guitarra como um meio material de tradução atravessando e desafiando as fronteiras – inclusive as dos estudos sobre instrumentos e assimetrias culturais, sugerindo que a invenção surgida no Norte pode ser reapropriada no Sul.

Também nos deslocamos dos centros tradicionais e dos fluxos aparentemente consagrados da ordem global para ler “O k-pop, as artes digitais e a multiplicação de realidades: a virtualidade de Aespa” de Pablo Gobira e Emanuelle de Oliveira Silva. Traçando um arco do pop à vanguarda da música popular, os autores examinam com detalhes o cenário asiático, explorando as confluências entre as artes digitais e a emergência do gênero pop sul-coreano através do grupo feminino Aespa. Explorando essa nova fronteira, o artigo demonstra como categorias e expressões como jogos digitais, realidade virtual, interação, imersão, entre outras, integram rapidamente um público

familiarizado com um “universo” expressivo das relações entre sociedade e tecnologia na esfera globalizada, que já transcendeu suas primeiras definições.

Em seguida, vamos para a Inglaterra, mais precisamente para a pequena cidade de Canterbury, localizada próxima à capital Londres. Em “Going up to people and tinkling”: A psicodelia jazzística da Canterbury Scene, Rafael Senra Coelho fala de uma cena local que acabou associada ao gênero de rock progressivo, apesar de também trazer um diálogo fértil com o jazz (sobretudo o fusion) e com a psicodelia. Ainda que vários participantes dessa cena, como Robert Wyatt, tentem negar que os músicos de Canterbury façam parte de um movimento comum, é possível mapear não apenas influências musicais mútuas e comuns, mas esforços coletivos de músicos e participantes que circulavam entre os projetos e as gravações. A tradição cultural de Canterbury, com ramificações que evocam desde a literatura de Geoffrey Chaucer até os cantos em coro na Igreja da Inglaterra, acaba por reverberar na obra daqueles que partilharam de seus espaços.

Explorando o entrecruzamento entre a trilha histórica dos gêneros musicais e dos movimentos sociais na Argentina, “Al Patriarcado Ni Cabida: Orígenes De La Escena Musical De La Cumbia Feminista”, de Daniela Jennifer Novick e Malvina Leonor Silba, demonstra a efetividade do conceito de “cena” para coordenar análises de elementos musicais e extramusicais em contexto dito “glocal”. Uma narrativa histórica meticulosa entrelaça a pujança dos movimentos feministas em tempos recentes no país – em que se destaca Ni Una Menos - com as reapropriações da cumbia, especialmente desde os anos 1990s, até a aparição de uma “nova escola autodefinida como feminista, dissidente e/ou antipatriarcal” que se aproveita da ressignificação que os feminismos contemporâneos fazem de valores como diversão, gozo e alegria, explorando o potencial político da festa.

Do sul do continente vamos para o nordeste do Brasil, mais exatamente à Pernambuco, cenário de produção cultural marcante que é alvo da análise de Amilcar Almeida Bezerra, Amanda Mansur Nogueira e Vinícius Barros de Oliveira em “Agregar para reverberar: cantautores e produção colaborativa na mostra Reverbo (PE)”. O trio emprega o conceito de cena para compreender como a mostra modifica a atuação dos “cantautores” num nicho de mercado em que imperam os pequenos espaços em formato voz e violão, a produção colaborativa na chave da dita “brodagem” entre os artistas e as relações com o público via redes sociais. Empregando recursos da sociologia da cultura,

o artigo ainda explora as intensas relações de afeto compartilhadas em entrevistas e apresentações dos músicos, retratando em close essa experiência de criação coletiva.

No âmbito de gêneros musicais mais específicos, temos o artigo “Cena e cadeia no heavy metal brasileiro dos anos 1980”, de Guilherme Lentz da Silveira Monteiro, cujo foco temporal compreende os anos iniciais do estilo em nosso país. Foi um período em que o Brasil buscava consolidar o retorno institucional da democratização, enquanto as rádios e a TV se dedicavam em difundir o chamado “Brock”, relegando outros gêneros a um espaço mais alternativo de circulação. Com os escassos recursos disponíveis, aos poucos foi possível notar um engajamento significativo de artistas, bandas, casas de shows, estúdios e selos, que tentavam compensar com entusiasmo as limitações da falta de incentivo da indústria cultural. Apesar de uma suposta dispersão de todos os envolvidos com a cena do heavy metal, diversos registros e obras mostram que sua contribuição para a música popular feita no Brasil se mostrou relevante.

Finalmente, em “Metá Metá em perspectiva histórica e sociocultural”, Sheyla Castro Diniz nos apresenta uma discussão oportuna sobre a música independente e a chamada Nova MPB. A partir da trajetória do trio paulista que emerge encarnando um alusivo “Clube da Encruza”, a marca da diáspora musical-religiosa africana aparece como distintiva. Conjugando dedicada análise dos elementos musicais ao exame de condições de produção, circulação e recepção dos trabalhos do grupo, a autora explora pelas vias da sociologia da cultura as conexões entre criações, explorando “a exaustão das formas” e os desafios materiais e simbólicos postos por uma crise conjuntural pontuada por tensos episódios da história brasileira recente, como as jornadas de junho e o Impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Portanto, no presente dossiê, nosso intuito é tanto expor esse longo escopo de opções metodológicas e possibilidades de investigação quanto trazer à baila trabalhos novos que escapam de temas batidos e brotam de um caldeirão fervilhante onde a música popular é o ingrediente principal para diferentes receitas. As experiências que inspiraram tais análises nos possibilitam contemplar diversos modos pelos quais é possível reunir pessoas em torno da música, com inúmeras configurações diferentes de agrupamentos, movimentos e tendências. Esperamos que tenha sido cumprida nossa tarefa, e desejamos a quem segue estas linhas uma proveitosa leitura!

---

<sup>i</sup> **Luiz Henrique Assis Garcia** é graduado, mestre e doutor em História pela UFMG, onde é professor do curso de Museologia e do PPG em Ciência da Informação. É um dos coordenadores do grupo de pesquisa ESTOPIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Patrimônio Cultural e criador do grupo de estudos SOMMUS – Som e museologia. É membro da IASPM-AL. Tem trabalhos publicados sobre História da música popular, sobre Patrimônio e História cultural, tendo atuado ainda como pesquisador e curador no Museu Histórico Abílio Barreto (BH/MG). Também é compositor de canções populares. **E-mail:** lhag@ufmg.br

<sup>ii</sup> **Rafael Senra Coelho** é Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá (PPGLET-UNIFAP). Professor de Literatura Brasileira no Departamento de Letras-Português da Universidade Federal do Amapá – Campus Santana (UNIFAP). Membro dos grupos de pesquisa NUPEL (CNPQ), Literatura e Mídia (CNPQ) e Cultura Pop (CNPQ). Diretor da coleção *Além da Letra* na Editora Hucitec. Autor de quadrinhos, músico, escritor. **E-mail:** rararafaels@yahoo.com.br